



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Thyanne Vitoria Pereira da Silva**

**AS CONSEQUÊNCIAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS DAS MULHERES NEGRAS PELA  
MÍDIA.**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Thyanne Vitoria Pereira da Silva**

**AS CONSEQUÊNCIAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS DAS MULHERES NEGRAS PELA  
MÍDIA.**

**Monografia apresentada à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo  
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito para  
aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas**

**Orientador(a): Valéria Fernandes de Carvalho**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Thayanne Vitoria Pereira da Silva**

**AS CONSEQUÊNCIAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS DAS MULHERES NEGRAS PELA  
MÍDIA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para  
aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Valeria Fernandes de Carvalho  
EPSJV/FIOCRUZ

---

Carolina Vianna Dantas  
EPSJV/FIOCRUZ

**Rio de Janeiro**  
**2022**

Dedico este trabalho à todas as mulheres negras que sofrem com a hipersexualização de seus corpos e seguem na luta resistindo a uma sociedade racista, machista e patriarcal.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e coragem para prosseguir durante essa trajetória. Agradeço em conjunto à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), por todo suporte que me foi dado, uma vez que, através do aprendizado, pude compreender a relevância da pesquisa e do trabalho para a conclusão do Curso.

Bem como, agradeço a meus pais, Roberta Santos e Valter Ribeiro, por acreditarem no meu potencial e por todo apoio e incentivo na busca por um ensino de qualidade, além de todo amor e compreensão destinados a mim em momentos difíceis ao longo dos últimos 4 anos.

A minha tia, Sabrina Rodrigues, que muitas vezes me consolou e acalmou em momentos de crise e me fazia enxergar as dificuldades diante de outra perspectiva, sem nunca me deixar desistir. Assim como às minhas primas Raphaelly Diniz e Thamiris Tostes por todas as palavras de conforto e todo suporte emocional.

Agradeço a minha professora e orientadora Valeria Fernandes de Carvalho, que desde o início acreditou no meu projeto e me auxiliou com toda paciência no processo de escrita da monografia. A princípio houve uma falha de comunicação, mas ao longo do desenvolvimento da monografia, conseguimos estabelecer uma sintonia. Obrigada por partilhar seus conhecimentos e seu tempo comigo.

Aos meus amigos: Julia Pessoa Leal, Giovanna Rech, Gabriel Barros, Júlia Koppe e Raphaela Barbosa, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

A todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória não só na EPSJV e contribuíram para que eu evoluísse tanto academicamente quanto pessoalmente.

... “Mas que nega linda  
E de olho verde ainda  
Olho de veneno e açúcar!  
Vem nega, vem ser minha desculpa  
Vem que aqui dentro ainda te cabe  
Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!  
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)  
Minha tonteira minha história contundida  
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?  
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaokê;  
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer  
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.  
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore  
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.  
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”  
Imagem: Ovi tudo isso sem calma e sem dor.  
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”  
E o delegado piscou.  
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena  
com cela especial por ser esse branco intelectual...  
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio  
nada disso se cura trepando com uma escura!”  
Ó minha máxima lei, deixai de asneira  
Não vai ser um branco mal resolvido  
que vai libertar uma negra:  
Esse branco ardido está fadado  
porque não é com lábia de pseudo-oprimido  
que vai aliviar seu passado.  
Olha aqui meu senhor:  
Eu me lembro da senzala  
e tu te lembrás da Casa-Grande  
e vamos juntos escrever sinceramente outra história  
Digo, repito e não minto:  
Vamos passar essa verdade a limpo

porque não é dançando samba  
que eu te redimo ou te acredito:  
Vê se te afasta, não invista, não insista!  
Meu nojo!  
Meu engodo cultural!  
Minha lavagem de lata!  
Porque deixar de ser racista, meu amor,  
não é comer uma mulata!

(Mulata Exportação de Elisa Lucinda, da série “Brasil, meu espartilho”)

**Resumo:** A presente monografia objetiva analisar as consequências da hipersexualização das mulheres negras, através da perpetuação dos estereótipos amplamente divulgados e reforçados pela mídia, via personagens e imagens relacionados a estas mulheres. Para tanto, ao longo da pesquisa buscou-se elaborar um histórico sobre a hipersexualização da mulher negra no período colonial; analisar o papel social das mulheres negras na sociedade contemporânea diante do processo histórico da hipersexualização de seus corpos e; avaliar a influência da mídia na perpetuação dos estereótipos relacionados à mulher negra através da figura da Globeleza. **Palavras-chave:** hipersexualização das mulheres negras, racismo e mídia.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1:</b> As mulheres negras na sociedade contemporânea diante do processo histórico da hipersexualização de seus corpos .....	10
1.1 A hipersexualização da mulher negra .....	11
<b>CAPÍTULO 2:</b> .....	17
2.1. A “mulata” como profissão .....	17
2.2. Mídia e a objetificação das mulheres negras .....	19
2.3. Globeleza e mulata exportação .....	21
2.4. A Globeleza vista por Valéria Valenssa .....	26
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29



## 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia objetiva analisar as consequências da hipersexualização das mulheres negras, através da perpetuação dos estereótipos amplamente divulgados e reforçados pela mídia, via personagens e imagens relacionados a estas mulheres. Para tanto, consideramos que a reflexão acerca da representação da mulher negra durante o Carnaval é de suma importância. Levando em consideração o conhecimento mundial sobre essa festividade brasileira, torna-se relevante refletir sobre as consequências que a hipersexualização da mulher negra durante esse período reproduz, uma vez que ela passa a ser considerada um símbolo nacional do Carnaval e sua imagem é vinculada a um produto um ser “comercializado” e “consumido”, tornando-se objeto de exportação.

Apesar do destaque durante o Carnaval, a mulher negra é invisibilizada no decorrer do ano. As mulheres negras historicamente, ou foram invisibilizadas pelos meios de comunicação ou foram visibilizadas de forma pejorativa, através de personagens que ocupavam lugares considerados como inferiores pela sociedade, entre eles: empregadas domésticas, amas de leite, mucamas, ocupando lugares de menor qualificação profissional, amantes, etc. E quando ganham destaque, quando ganham visibilidade, é através da objetificação de seu corpo, a exemplo da Globeleza, diante disso cabe refletir: que imaginário social acerca das mulheres negras é reforçado?

Durante quase três décadas a Globeleza<sup>1</sup> foi a personificação do Carnaval, perpetuando a fantasia do imaginário masculino onde mulheres negras são seres erotizados, reduzidas e transformadas em objetos.

Segundo (BASTOS, 2021)

“A delimitação das mulheres negras em posições específicas, neste caso de teor erotizado como o da figura carnavalesca, as reduz e as transformam em objetos, ou seja, a ‘objetificação’ de seu corpo. A personagem é fruto de um produto da mídia que se fundamentou em concepções coloniais – a escravidão perante o patriarcalismo – que seguem enraizadas na comunidade brasileira; são ‘elementos’ que persistem na vida brasileira contemporânea” (pág.6).

---

<sup>1</sup> Denominação dada à mulher negra que desde o início da década de 1990 aparecia sambando nas vinhetas de samba da emissora Rede Globo no período do carnaval

A escolha da Globeleza através do concurso traz consigo questões que remetem ao período colonial, considerando que naquela época as mulheres escravizadas eram escolhidas para trabalhar na casa grande de acordo com padrões que mais se aproximavam das características fenotípicas eurocêntricas, quanto mais clara a sua pele e mais finos seus traços, “melhor”. Essas mulheres tinham a função regular de proporcionar aos senhores a satisfação de suas necessidades sexuais.

Segundo dados obtidos pelo IBGE, de acordo com o imaginário social, a mulher negra não integra os espaços sociais considerados de maior influência, explicitando a presença do racismo nas estruturas que compõe as instituições em nosso país. (Dandolin e Ruiz, s.d)

Diante desta questão, a presente monografia pretende: analisar o papel social das mulheres negras na sociedade contemporânea diante do processo histórico da hipersexualização de seus corpos e; avaliar a influência da mídia na perpetuação dos estereótipos relacionados à mulher negra através da figura da Globeleza.

A metodologia utilizada está baseada na abordagem qualitativa e na revisão da literatura dos seguintes documentos: artigos científicos, dissertações e reportagens disponíveis em sites, relacionados à hipersexualização da mulher negra desde a época colonial até a atualidade, por meio da busca nas bases de dados Google Acadêmico e do Google buscador, tendo como referência os descritores: carnaval, racismo, globeleza, estereótipos, mulher negra, e hipersexualização.

A análise do material buscará responder às seguintes questões norteadoras: “quais são os papéis sociais designados à mulher negra enquanto membro da sociedade? Como a imagem da Globeleza contribuiu para a manutenção do estereótipo hipersexualizado da mulher negra – denominada pelo racismo linguístico de mulata? Quais as consequências desse processo na vida destas mulheres?

## **CAPÍTULO 1: As mulheres negras na sociedade contemporânea diante do processo histórico da hipersexualização de seus corpos**

O racismo integra a construção do imaginário social, que é cotidianamente acentuado pelos meios midiáticos, pela indústria cultural e pelo sistema educacional no nosso país. Basta atentar-se

às representações de pessoas negras nas telenovelas, por exemplo, onde a mulher negra exerce quase sempre papel de empregada doméstica, a de “mulata fogosa” ou qualquer outra função de baixo prestígio social; os homens negros estão associados à figura de criminosos ou alguém extremamente ingênuo, enquanto o homem branco ocupa o cargo de mais alto poder, sendo sempre representado como inteligente, racional e líder nato. Essas representações fazem com que as práticas discriminatórias sejam vistas pelo imaginário social como algo “normal”, contribuindo para a naturalização do lugar social historicamente atribuído à população negra, fator que dificulta mudanças no pensamento coletivo.

Desde a época da escravidão as mulheres negras são tratadas como objetos de consumo, sendo vistas apenas como um corpo voltado ao trabalho escravo e ao prazer sexual. Segundo (SILVA, 2009) “(...). Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico” (pág.71).

A hipersexualização é um fenômeno que consiste em atribuir caráter sexual a um comportamento ou a um produto que o não seja (Bouchard; Bouchard & Boily, 2005), se configura em um fenômeno que atinge as mulheres, principalmente as mulheres negras, e que é reproduzido até os dias atuais, trazendo-lhes consequências em diversos aspectos de suas vidas.

Tal fenômeno acarreta a visão preconceituosa acerca desse público, de forma que, nos dias atuais, ainda se faz presente o estereótipo da mulher negra como “superdotada de sexo” (Bueno, 2016).

No momento em que se defronta a imagem de mulheres negras de outrora com as da atualidade, constata-se que houve um progresso ínfimo. Suas representações reiteradamente são vinculadas e cerceadas a posições subalternizadas e marginalizadas que, na maioria das vezes, são dispostas com a finalidade de execução de serviços desconsiderados e/ou não designados às pessoas brancas. É perceptível também, a presença da demarcação ocupada pelo corpo feminino negro como meio de contraposição social, de supressão e do caráter exploratório exercido sob este corpo.

Desde o período escravista, é exequível compreender que o corpo negro transpassou diversos processos de aprisionamento, rompimento, subalternização, e inclusive categorização, de modo a corresponder os desejos e reivindicações de seus “proprietários”. Pode-se ponderar que, crônicas ou memórias que remetem ao período colonial subsistem na consciência coletiva,

apoderando-se de camuflagens e novas funcionalidades na diretriz social hipoteticamente democrática que preserva as relações de gênero, de acordo com os conceitos de cor e raça instaurados no período da escravidão.

As escolhas para o trabalho dentro da chamada “casa grande” eram realizadas de acordo com semelhanças fenotípicas próximas ao padrão eurocêntrico. As escravizadas executavam desde funções domésticas até a satisfação sexual do senhor. De acordo com Hahner (1978):

A escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor (págs.120 e 121).

A representação da mulher negra desde o período colonial é sempre associada aos estereótipos da mulher “boa de cama”, “exótica”, “da cor do pecado”, o que corrobora para a perpetuação do imaginário social em relação à inferioridade e objetificação do corpo feminino negro. A partir desta concepção, surge a representação idealizada dessa sexualização: a denominada de “mulata”.

Tal representação, apesar das lutas históricas dos feminismos negros, ainda se mantém no imaginário social racista e teve como uma de suas expressões a figura da Globeleza, reforçando nacionalmente e para o mundo, haja vista que o carnaval brasileiro é considerado um espetáculo internacional, a hipersexualização das mulheres negras.

Os estereótipos criados na sociedade são inúmeros. Eles acontecem de forma inconsciente, regem a conduta humana e a forma como determinados grupos são vistos no meio social. Alguns estereótipos existem de modo a menosprezar, sobretudo, as denominadas minorias sociais, na qual mulheres estão inclusas. No entanto, determinados estereótipos são mais acentuados quando referente às mulheres negras, uma vez que essas integram duas classes de desigualdade, a de gênero e a de raça<sup>2</sup>. Essa intensificação é observada através do estereótipo da mulher negra erótica e exótica, uma construção histórico-cultural que se conserva na sociedade através do fenômeno da hipersexualização. (Leite & Batista, 2008; Heilborn, Araújo & Barreto, 2010; Bueno, 2016).

---

<sup>2</sup> Raça tem somente um significado científico e é biologicamente única. Refere-se a uma única subdivisão das espécies conhecidas, membros de uma herança física, a qual visa distinguir-se de outras populações da mesma espécie.”

O conceito de raça transpassou por transformações com o decorrer do tempo, entretanto, ainda expressa relações de poder e discriminação, de modo a categorizar socialmente as pessoas e atribuir concepções negativas a determinados grupos sociais. A comprovação da existência biológica de raças no século 19 apenas espelha o pensamento social, no qual há o processo de segregação, categorização e dominação. Tal termo, repleto de ideologias, ainda é usualmente empregado no âmbito social para sustentar a discriminação de mulheres e homens negros. O uso do termo “raça” expõe as desigualdades e vulnerabilidades presentes, precipuamente direcionados à população negra, classificada como minoria social quanto à percepção de probabilidades de exercícios dos direitos. (Oliveira, Meneghel & Bernardes, 2009; Barbosa & Silva, 2010; Oliveira, 2006).

O corpo negro não obstante de gênero é mundialmente correlacionado a múltiplos estereótipos, pode-se constatar uma ênfase referente à sexualidade, sendo esse coletivo definido e distinguido em razão de seu suposto “exotismo” e “erotismo” constituídos historicamente. Essa designação ocorre também na sociedade contemporânea, de modo a demonstrar a discriminação, o domínio e a marginalização em razão da distinção de raças.

Damasceno (2008) aponta que a criação de estereótipos exerceu a função de auxiliar na manutenção da ordem social, tal como na concentração de poder. O vocábulo “estereótipo” é apresentado como ideias e condutas partilhadas entre um grupo social em relação a outro. O estereótipo engloba a divisão entre “normal” e “anormal”, “aceitável” e “inaceitável” como métodos classificatórios. O corpo da mulher negra passou a ser visto como uma “anormalidade” em virtude do desenvolvimento de características dispareas das mulheres brancas. O racismo científico<sup>3</sup> foi utilizado durante um longo período para legitimar a exploração de brancos sobre negros.

Com base no estudo a respeito de suas características físicas, perspectivas sobre o corpo negro foram desenvolvidas. Sob esta ótica, as noções sobre o corpo negro foram consequências de uma invenção científica, de maneira a complementar determinados interesses, que conduzem a um conceito de inferiorização. O estereótipo sexual atribuído aos negros e as negras se expandiu por

---

<sup>3</sup> “O racismo científico é uma pseudociência que foi desenvolvida ao longo do século 19 e que acreditava, sobretudo, na existência de raças humanas e na hierarquização entre essas raças.”

todos os países escravistas na América, de modo que o domínio sexual dos colonizadores era voltado à restrição sexual de forma a domar os escravizados segundo a sua vontade. A objetificação consiste na retirada da subjetividade do sujeito, uma vez que lhe é concebida a noção de objeto, para suprir determinados interesses (Damasceno, 2008). Tais práticas tornaram mulheres e homens negros objetos sexuais de seus senhores.

No Brasil, a objetificação das mulheres negras e seus corpos originaram-se a partir do sistema escravocrata do período colonial, onde mulheres negras eram escravizadas sexualmente por seus senhores.

O estigma da luxúria vinculado à raça/cor colaborou para que as mulheres negras fossem vistas enquanto casos fáceis, objetos sexuais, e discernidas das mulheres “para se casar”, ou seja, mulheres brancas. As negras foram consideradas detentoras de um “apetite sexual inerente” que as definia como inadequadas ao casamento. Esse fenômeno se faz presente no contexto atual, onde as relações fluídas e voláteis são ainda mais reforçadas com as mulheres negras e o histórico de objeto sexual que a elas foi imposto. (Heilborn, Araújo & Barreto, 2010 Apud Teles e Adi, s.d, p.7)

No período colonial, viajantes almejavam chegar ao Brasil, local onde as mulheres negras eram caracterizadas como pecadoras, sendo diferenciadas das mulheres de descendência europeia e vistas, principalmente como sexualmente disponíveis. Baseado nisso, foi sendo construída a concepção de “mulata”, produto da miscigenação, como consolidação desse estereótipo sexualizado da mulher negra no Brasil, em que ela é vista como exótica, ferosa, sensual e, portanto, desejável. Dito isso, observa-se que o estereótipo e fetichismo integraram-se para referir-se a mulher negra, subsistindo até a contemporaneidade, tratando-se de uma constituição histórica e sociocultural que fomenta preconceito, discriminação e violência de diversas diretrizes.

O pensamento escravocrata objetificou as mulheres negras de duas maneiras distintas: primeiro como recurso lucrativo da organização escravagista; após, como um produto sexual. Esse ato de apropriar-se do corpo feminino negro conservou-se mesmo no pós-abolição, perpetuando estereótipos e expectativas sexuais sobre esse corpo (Carmo e Rodrigues, 2021).

Djamila Ribeiro (2013) salienta que o corpo da mulher negra não pertence a ela, uma vez que o estereótipo da sexualidade da mesma se constitui e adquire novas adaptações com o decorrer do tempo. Diante dessa perspectiva, é possível observar a erotização da mulher negra em conjunto

a determinadas ideologias, principalmente, quando estas associam-se a um ideal de nacionalidade, dado que as brasileiras são vistas como espontaneamente sensuais.

Pode-se utilizar como exemplo Francisca da Silva de Oliveira, vulgo Chica da Silva (1732-1796), negra escravizada que recebeu alforria e casou-se com um português. Essa mulher era constantemente resumida a um objeto sexual. Possuía uma reputação de mulher presunçosa, que se utilizava de seu corpo para garantir o sucesso de seus interesses pessoais e ideais políticos. É nesse contexto que a história da população negra é obscurecida e conduzida para a ótica do homem branco ocidental. Essa hipersexualização está correlacionada com a não possibilidade de relacionamentos amorosos, o que facilita uma experiência de solidão afetiva dessas mulheres (Carmo e Rodrigues, 2021, p.77).

A mulher negra, por um lado, é descrita apenas como objeto sexual e como um foco de diligências para atividades sexuais, e por outro lado, não é considerada como uma mulher para se estabelecer relacionamento amoroso. Essa designação de submissão sexual deu-se com base em uma associação dos negros, especificamente das mulheres, a seres da natureza, em consequência de suas características físico-biológicas. Assim sendo, a animalização dos corpos negros originou a criação de um ideal colonial branco que buscava justificar a violência a qual esses corpos eram submetidos. (Carmo e Rodrigues, 2021, p.78)

As visões ideológicas raciais das discrepâncias físicas observadas entre os povos foram sendo construídas e se expressaram, por exemplo, no domínio exercido por parte dos homens brancos nas relações sexuais com mulheres negras, fator que foi facilitado por teorias racistas em prática no Brasil. É importante ressaltar que a resultante dessa dominação é um dos pilares de sustentação histórica da organização masculina. Dessa forma, o simbolismo atribuído ao corpo pode ser enxergado como algo genuíno, haja vista que as distinções biológicas entre o corpo feminino e masculino podem ser dispostas como argumentos centrais da dominação masculina (Munanga, 2004 apud Carmo e Rodrigues, 2021).

Não se pode, deste modo, esquecer a função exercida pela igreja, dado que a mesma perpetrou encargo atuante na colonização Africana, através das práticas de seus missionários. O cristianismo, diante de todos os seus moldes não engendrou algo senão aceitação, absolvição e exaltação da instituição escravagista, mesmo com sua brutalidade intrínseca e desumanização dos

africanos, ou seja, a igreja compactuava com a escravidão. A igreja repudiava a sexualidade, aspecto este que era refutado pelo europeu e intensamente estruturado em homens e mulheres negras. Ainda que estes estivessem em posição de alforriados, não eram acolhidos pela população branca/cristã, ademais, a percepção de castidade não era outorgada a ex-escravizados livres (Carmo e Rodrigues, 2021).

Acrescentado a isso, Carmo e Rodrigues (2021) enfatizam que sinais explícitos e a linguagem torpe eram direcionados às mulheres negras escravizadas e forras ou mulatas; em contrapartida, às brancas eram concedidos galanteios e palavras amorosas. Em vista disso, ao passo em que as brancas eram difíceis e mereciam respeito, os “convites” para práticas sexuais eram designados às negras, sendo estas mulheres o âmago das diligências sexuais. A ordem das relações de hegemonia que são instituídas provocam perplexidade, especificamente no campo dos direitos, defesas e concessões que são mantidos de modo naturalizado e como eram aceitas todas as formas de existência, ainda que estas fossem cruéis.

As mulheres negras eram qualificadas como exóticas, o que reforça o provérbio “branca para casar-se, negra para trabalhar, mulata para fornicar”. Desse modo, evidencia-se a fragilidade das mulheres negras tendo em conta que, em paralelo às punições impostas aos homens, além de “açoiadas” também eram vítimas de estupro. Esses atos sobre o corpo da mulher escravizada retratavam a dominação desempenhada pelos senhores e delimitavam de maneira rigorosa a sua situação de mão de obra obrigatória. Dessa forma, expor o estupro enquanto expressão do desejo do homem branco pode ser caracterizado como reducionismo<sup>4</sup>. O estupro era uma prática que se tratava de um artifício de subjugação, um meio de coibição, cujo propósito era extinguir a vontade das escravizadas de defender-se. Diante disso, é possível refletir sobre a vulnerabilidade feminina, com base na existência de uma construção histórica que afirma que há um acolhimento paternal dos homens em relação às mulheres. No entanto, há uma contradição nessa alegação, tendo em consideração que esse tratamento não é ofertado a todas as mulheres, uma vez que o cuidado direcionado a mulher negra difere-se das demais (Carneiro, 2003, p. 50 apud Carmo e Rodrigues, 2021, p. 81)

---

<sup>4</sup> “Tendência a submeter todos os fenômenos humanos a um único sistema de leis explicativas.”

Refletir sobre a hipersexualização das mulheres negras implica, ao mesmo tempo, considerar o debate relacionado à resistência dessas mulheres. Neste viés, ainda que houvesse distintos modos de violência, é inegável que, em oposição, existiam inúmeras maneiras de resistência, considerando que em um sistema onde havia adversidades de classes, raça e gênero, não só a imposição existia.

Provocar reflexões sobre o corpo da mulher negra nessa conjuntura é implementar um debate acerca das representações sociais e suas particularidades na esfera brasileira, tendo como alicerce a função exercida por essas mulheres perante a estrutura social, sobretudo, para entender como foram estabelecidas as relações de comando e sexualidade. (TEIXEIRA e QUEIROZ, 2017 apud Carmo e Rodrigues, 2021, p.81).

## **CAPÍTULO 2:**

“Carnaval. Rio de Janeiro, Brasil.(...) Todos sob o comando do ritmo das baterias e do rebolado das mulatas que, dizem alguns, não estão no mapa. ‘Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz’ ‘Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão’. ‘Elas me deixam louco, bicho’. E lá vão elas, rebolantes e sorridentes rainhas, distribuindo beijos como se fossem bênçãos para seus ávidos súditos nesse feérico espetáculo... E feérico vem de ‘fée’, fada, na civilizada da língua francesa” (GONZALEZ, 1984, pág.227).

### **2.1 A “mulata” como profissão**

CUNHA e PAIVA (2021) apresentam reflexões importantes acerca da permanência da objetificação das mulheres negras no imaginário social brasileiro, através da figura da “mulata” via estereótipo de servilismo profissional e sexual, e como este criou o ícone da “mulata profissional”,

“(...). Endeusada pelo sistema que a coisifica, soma-se a isso, o excesso de violência simbólica que todo o seu passado histórico traz como bagagem. A objetificação sexual da mulata delimita o seu espaço enquanto ser humano e mulher, tornando-a uma figura mítica do desejo imaginário escravocrata e sustentando a manutenção e perpetuação da dominação patriarcal, contribuindo para o controle sociopolítico de uma nação” (pág.1)

Giacomini (2006) analisa como e por que uma categoria racial se transforma em categoria profissional<sup>5</sup>. Segundo a autora o imaginário da mulata brasileira autêntica não fortifica apenas uma interpretação, ele também provoca uma representação moral e sexual da mulata. Desta forma, a mulata profissional além de possuir o tipo físico, deve comportar-se de maneira a fazer jus à utopia da plateia que a assiste. Sendo assim, necessita de interagir com o público, seduzindo-o. Sua competência para a sedução é evidência de sua qualificação enquanto profissional.

A inclusão/exclusão no ambiente profissional é dúbia, uma vez que não resguarda plenamente a identidade profissional da mulata. Distinguir-se da prostituta e garantir a integração consolidada só seria ascendido quando essa ocupação se transfigura em uma profissão como qualquer outra. Em outras palavras: relativo à prostituição como atividade desenvolvida simultaneamente a outra atividade profissional, a mulata está na mesma circunstância que qualquer outra mulher trabalhadora. De acordo com as participantes do estudo de Giacomini (2006) as mulheres em geral prostituem-se tal qual algumas “mulatas”. No entanto, isso não se baseia num julgamento moral as mulheres que aderem a essa prática.

Diante dessa perspectiva, surge um paradoxo que permeia também o grupo entrevistado, pela referida autora. Percebe-se que para ser mulata profissional, são instituídas condições que não são inatas, mas que devem ser adquiridas. A conquista dessas características seria o selo de aprovação da profissionalização. As associações entre os distintos atributos, inatos e adquiridos, oferecem uma demonstração sublime da ambiguidade em que estão envolvidas as candidatas que concorrem para se tornar “mulata profissional”, que por um lado identificam-se como mulatas, todavia duvidam se estarão adequadas ao reconhecimento como “verdadeiras mulatas” proveniente dos empresários. Por conseguinte, o percurso da formação, nada mais é que um processo de seleção, onde se avalia quais dentre as participantes estão habilitadas a representação da mulata típica, a mulata autêntica. De acordo com Giacomini (2006), o Curso de formação distancia-se dos legítimos processos de aprendizado, sendo apenas uma ferramenta que auxilia na escolha das candidatas aptas.

Como consequência de um numeroso complexo de qualidades requeridas – inatas coletivas, inatas individuais e adquiridas – as mulheres presentes nesse processo sentem-se objetificadas,

---

<sup>5</sup> Baseada em pesquisa realizada junto a um grupo de mulheres negras inscritas no II Curso de Formação Profissional de Mulatas, promovido pelo SENAC-RJ, no final dos anos 1980 e início de 1990.

num sistema onde nem sempre seus parâmetros e métodos apresentam-se de maneira perceptível, sendo algo que se concluirá somente algumas dessas mulheres, tornando-as “mulatas profissionais”.

Giacomini (2006), também observou que as casas de show onde essas mulheres se apresentam são ocupadas por outros que, assim como a “mulata” trabalham na noite: musicistas e artistas usualmente são vizinhos bem aceitos, com os quais se buscam estabelecer vínculos que visam fortificar a identidade positiva de “mulata profissional”. A autoinserção no mundo artístico dá-se como método de reforço da conjuntura profissional. A “mulata” é dançarina, e em outro contexto, essa afirmativa recebe significado positivo, em reconhecimento de uma determinada qualidade.

Há uma perceptível incerteza: ao passo em que ser mulata integra o emprego de dançarina, ao mesmo tempo não anui que a categoria de dançarina intercorra integralmente. Ainda que inclusa no âmbito da dança, estabelecida na área de profissões artísticas, a mulata enquanto profissional só é considerada dançarina de forma incerta, inconclusiva e/ou exagerada.

Diante desse cenário, imperam as concepções estereotipadas sobre a mulata, onde suas características físicas as condicionam ao exercício da profissão. De outro modo, pode-se dizer que existem lugares delimitados a essas mulheres, que dificultam ascensão profissional e/ou social, uma vez que os caminhos para alcançar tais propósitos são árduos.

Por fim, faz-se necessário promover a reflexão acerca da visão da sociedade brasileira no que concerne as relações de gênero e raça que englobam esse grupo de mulheres, cuja cor é fator imprescindível para a construção de sua profissionalização e a constante insegurança e desqualificação que sofrem perante o ofício que exercem (Giacomini, 2006).

A figura da “mulata” serviria como explicação para o assédio e a coisificação sexualizada, sendo a “mãe preta” utilizada para legitimar a prática escravista, a configuração trabalhista e estabelecer a óptica socioeconômica subjugada da mulher negra. No pensamento da sociedade brasileira, ser negro está atrelado à realização de tarefas inferiores, que obtém magnitude insignificante no âmbito profissional, mantendo-se, dessa forma, na posição que lhe fora designada anteriormente. (Giacomini, 2006)

Nota-se que o Brasil é um país constituído sob evidentes desigualdades socioeconômicas, no qual os bens de cultura, as condições dignas de vida, o acesso aos bens de consumo, a educação, ao emprego, a moradia e a serviços de saúde de qualidade são reservados apenas a uma parte da população, ocasionando por consequência a supressão do povo negro e especialmente da mulher negra triplamente discriminada.

Sabe-se que a mulher negra ocupa a base da pirâmide social. No Brasil, mulheres ganham 20,5% a menos que homens, no entanto é necessário questionar a quais mulheres se referem, pois de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2016), as mulheres negras são o maior contingente populacional fora do mercado de trabalho formal e que desempenha atividades domésticas. Por isso, é relevante questionar o lugar ocupado pela mulher negra, já que, ao pensar em políticas públicas para mulheres se faz indispensável compreender a que grupo de mulheres tange.

## **2.2 Mídia e a objetificação das mulheres negras**

As desconstruções da imagem da mulher negra nos espaços midiáticos brasileiros se expressam de maneira profusa, transmitindo e expandindo o racismo de modo sutil, sem evidenciar o ódio pelas pessoas diferentes, que diariamente é semeado no imaginário da sociedade brasileira.

A mídia brasileira, no decorrer do tempo, e simbolizando os interesses da burguesia branca, do patriarcado, do machismo e do racismo, tem se especializado em propagar a imagem da mulher negra a partir dos papéis sociais mais estereotipados, entre eles pode-se mencionar o da figura da “mulata”, que surge exibida como símbolo da democracia racial<sup>6</sup>. Ela é mostrada nua, sambando, com o corpo escultural, dentro dos padrões de beleza da mídia televisiva. O intuito é disfarçar o preconceito racial, existente na raiz da sociedade brasileira, e salientar que no Brasil não há preconceito racial, logo a mulata usualmente é apresentada como mercadoria de exportação, como argumento para a democracia racial.

É notória a conservação do discurso racista que historicamente tem constituído e comercializado a mulher negra, desde sua escravização, até os dias atuais nos mais distintos campos

---

<sup>6</sup> Teorizado pelo sociólogo Gilberto Freyre traz a perspectiva, a partir da história, que a formação do Brasil se deu de forma harmônica.

mediáticos, exaltando constantemente o seu corpo de modo cômico e preconceituoso. Sua sexualidade é disseminada como objeto de prazer, tudo isso encoberto pelo discurso complacente de estar concedendo visibilidade à mulher negra, o que fortifica historicamente os discursos racistas, utilizados há décadas, e impiedoso para com a mulher negra segundo é constatado pela historiografia brasileira.

De acordo com essas circunstâncias, é essencial destacar que a mídia exerce funções sociais básicas, como: por um lado a representação cultural do racismo e da violência de gênero, de classe econômica; e por outro a civilização e a inserção dos componentes socioculturais racistas incorporados na estrutura mental dos indivíduos. Exercendo esses encargos e programações sociais, a mídia mantém meios de construção de pensamento e ação, quadros figurativos amplificados e admitidos socialmente em razão de processos de réplicas e repetições de estereótipos.

O papel exercido pela televisão transpassa a narrativa real, bem como a construção da realidade segundo critérios ideológicos da classe dominante. Essa construção é respaldada evidentemente por processos de controle político da realidade, anexa aos processos de poder. Nesse sentido, Barbosa; Silva (2009, p.52 apud Dos Santos, 2017, p.44), assevera “o exercício do poder simbólico é, em parte, responsável por afirmar estereótipos e hierarquizar grupos sociais, além de influenciar na formação ou deformação de identidades”

Percebe-se, em programas de qualquer horário e para públicos diversificados, que mulheres são exibidas seminuas, e, dessa forma, adéquam-se repetidamente ao papel definido para as “mulatas” pela sociedade, ao passo em que representam o papel de auxiliar dos apresentadores, que são majoritariamente brancos e que visam entreter o público desses programas. Assim como as outras violências simbólicas as quais a mulher negra foi submetida em sua existência, essa se tornou comum e naturalizada pela sociedade, posto que muitas dessas violências estão presentes quando, por exemplo, na maioria das vezes estas mulheres são compreendidas como elementos do cenário, com lugares demarcados, que determinam ideologicamente até que ponto a mulher negra pode ser exposta e de que maneiras, para exercerem o espaço a elas atribuído enquanto objeto sexual.

Esses espaços se expandem em datas comemorativas como o carnaval, período comercializado como personificação do Brasil, onde os corpos das mulheres negras são assistidos

na mídia novamente como atração e surge o que segundo Corrêa (apud Dos Santos, 2017, p.48) seria a última e mais atual encarnação da “mulata”: a Globeleza.

“É impossível assistir a uma de suas vinhetas e não perceber que não se trata da mulher Valéria Valenssa, mas apenas do seu corpo, sua sensualidade e sua força sexual. A Globeleza é apenas um corpo que samba, faz sexo e nada mais. Ah, claro, também é uma mensagem muita clara de qual é o papel da mulher negra na sociedade brasileira” (pág.40).

### 2.3 Globeleza e mulata exportação

Segundo Djamila Ribeiro e Stephanie Ribeiro (2016), o termo “mulata” tem origem espanhola e vem de “mulo” ou “mula” proveniente do cruzamento entre cavalos e jumentas ou éguas e jumentos. O termo possui significado pejorativo que indica mestiçagem ou impureza. Ainda de acordo com as autoras:

Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho. Tal nomenclatura tem cunho machista e racista e foi transferido à personagem Globeleza, naturalizado<sup>7</sup>

A primeira Globeleza surge em 1993, na figura de Valéria Valenssa, que personificou o símbolo da vinhetta de carnaval da Rede Globo durante 12 anos consecutivos.

De acordo com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho<sup>8</sup>, mais conhecido como “Boni”

Me lembro muito bem. Estávamos eu, minha mulher Lu e o Hans Donner no júri do Garota de Ipanema, numa noite de 1989. Eu e Hans procurávamos uma mulata para a vinhetta de carnaval que iria ao ar em 1990. E foi nessa noite que ela apareceu. Era a única negra entre todas as candidatas. (...) Eu e o Hans nos entreolhamos e concordamos que era ela. (...) o júri anunciou que a Valeria estava em quarto lugar. (...) Nascia um mito. Valeria participou da seleção na Globo e, sem interferência nossa, venceu em todos os quesitos: beleza, carisma e samba...muito samba. A consagração foi imediata e Valeria Valenssa passou a ser cortejada, amada e aplaudida por milhões de súditos em todo o Brasil.” (Bergallo e Duarte, 2015, pág.1)

A criação da Globeleza é fruto do imaginário estrangeiro, já que Hans Donner, designer gráfico participou de todo processo de criação do projeto Globeleza, é alemão e a idealizou de acordo com sua mentalidade eurocêntrica, fazendo-a símbolo do Carnaval. O processo de escolha no concurso para a eleição da Globeleza assemelhava-se aos padrões dos senhores no período

<sup>7</sup> <https://sul21.com.br/opiniaio/2016/02/nos-mulheres-negras-queremos-o-fim-da-globeleza-por-djamila-ribeiro-e-stephanie-ribeiro/>

<sup>8</sup> Vice-presidente de Operações na Globo até o final de 1997

colonial, uma vez que as mulheres escravizadas eram escolhidas para trabalhar na casa grande de acordo com sua beleza e características fenotípicas. No caso da Globeleza, quanto mais clara a cor de sua pele, mais suave os traços de sua face, “mais aceita”. O corpo feminino negro submeteu-se ao branqueamento para ser aceito.

A ritualização do corpo mulato passa pela sua representação embranquecida, que nega o próprio corpo para se encaixar no corpo “belo” do branco, tornando-a protagonista de um espetáculo cujo objetivo principal se torna tão somente a comercialização destes corpos (DA CUNHA, Patrícia; PAIVA, Jéssica, pág.6).

O papel representado por ela é fruto de um aprisionamento sofrido pela mulher negra na década de 1960: o show midiático da mulher negra despida nos veículos de comunicação em massa. Representações deste gênero ganharam mais destaque através do sucesso alcançado por programas de auditório. As dançarinas que compunham o balé desses espetáculos eram em sua maioria mulheres advindas das camadas menos abastadas da sociedade, sendo a dança suas primeiras oportunidades de emprego. Sendo assim, essas mulheres eram “assistentes de palco”, no entanto consistiam também na expressão física do imaginário social da “mulata”.

O termo “mulata” é comumente utilizado para referir-se a Globeleza, que é a personificação idealizada da palavra. A personagem Globeleza surgiu oficialmente em 1993 para anunciar a chegada do Carnaval. Sendo este um evento de conhecimento a nível internacional e um dos principais atrativos turísticos do Brasil (BASTOS, Pâmela).

Durante muitos anos a mídia brasileira contribuiu para a propagação da figura da mulher negra associada aos papéis mais estereotipados que existem, sendo um dos principais a figura da mulata. Posteriormente, a palavra mulata seria vinculada a uma personagem marcante do carnaval brasileiro, a Globeleza.

A representatividade negra na mídia era ínfima, e após não conseguir vencer o concurso Garota de Ipanema, Valéria que vem da camada popular, viu na Globeleza a oportunidade de alcançar todo o destaque que antes somente era destinado a mulheres brancas, ainda que o papel exercido por ela fosse produto da hipersexualização. Fundamentado nisso, pode-se ter uma ideia do que motivou Valéria Valenssa a aceitar o convite para a Globeleza.

A partir do século XX, a indústria cultural torna-se o maior artifício de reprodução de discursos, construções de imagens e utopias sociais. A publicidade reproduziu a concepção colonial do Brasil como um local paradisíaco, reforçando pensamentos que povoavam o imaginário de

turistas, fator que ocasionou visitas ao país com o propósito de conhecer os paraísos tropicais, fomentando rotas para o turismo sexual, tendo em vista que essa propaganda despreziosamente comercializa a imagem de mulheres sedutoras e sexualmente acessíveis.

De acordo com essa perspectiva, Cunha e Paiva (2021) afirmam que:

“A mídia manipuladora, sensacionalista e opressora, através do marketing excessivo ajuda a perpetuar essa estrutura de pensamento coisificado da mulher negra, alavancando-se assim, o turismo nacional, onde além das belezas naturais existentes no país, utilizam-se as mulheres como recurso de apresentação do imaginário de paraíso tropical” (p.4).

A fusão entre mulher e natureza fortalece o simbolismo sensacionalista da figura da mulher negra sob o personagem da “mulata”, transfigurando-a em objeto de comercialização no mercado internacional. Com isso, percebe-se que as concepções enraizadas no imaginário popular fortalecem o caráter da figura da “mulata” como “patrimônio cultural” suscetível a exaltação.

Durante muito tempo a mídia brasileira disseminou a imagem da mulher negra vinculada a papéis sociais estereotipados, dentre eles a figura da “mulata”, que é associada ao símbolo da democracia racial. Ela é apresentada quase nua e seu corpo está dentro do padrão de beleza considerado pela mídia televisiva. O propósito dessa representação é disfarçar o preconceito racial existente no âmago da sociedade brasileira.

A mídia tem papel relevante na reprodução do lugar social atribuído historicamente às mulheres negras. Segundo Bastos (2021)

“A delimitação das mulheres negras em posições específicas, neste caso de teor erotizado como o da figura carnavalesca, as reduz e as transformam em objetos, ou seja, a objetificação de seu corpo. A personagem é fruto de um produto da mídia que se fundamentou em concepções coloniais – a escravidão perante o patriarcalismo – que seguem enraizadas na comunidade brasileira; são “elementos” que persistem na vida brasileira contemporânea.” (pág.6).

A representação midiática da “Mulata Globeleza” ocorreu de modo hipersexualizado, visto que a imagem de seu corpo seminua, onde apenas suas partes íntimas são cobertas por pinturas e purpurina, era transmitida durante todo o dia na programação da Rede Globo, no período do carnaval.

Na vinheta de exibição, a personagem não possuía quaisquer falas ou interação com o espectador, recebiam ênfase suas características físicas e seu samba no pé, tornando-a apenas um produto a ser exportado.

Por fim, se faz necessário pensar sobre a representação da “Mulata Globeleza”, que confina a mulher negra somente a esse espaço específico de sexualização, onde o imaginário social do período colonial se faz presente de forma moderna, através da “exaltação” sexual e estereotipada da mulher negra.

Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esses lugares negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos somente a determinados papéis e lugares, se está retirando nossa humanidade e nos transformando em objetos (RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie.<sup>9</sup>)

Hoje, muito se debate sobre essa sexualização exacerbada dos corpos de mulheres negra, no entanto é preciso atentar-se que no período que antecedeu a criação da Globeleza e a consequente exportação dessa imagem, o feminismo negro defendia outras pautas, como a emancipação e o papel social da mulher negra perante a sociedade. O movimento buscava garantir plena cidadania a mulheres negras e a separação do feminismo branco que era contraditório aos seus ideais. Portanto, o contexto da época explica os porquês da normalização dessa hipersexualização feminina negra, porém não torna a figura da Globeleza impassível de críticas.

É notório que o discurso racista construído historicamente objetifica a mulher negra, exaltando suas características físicas e sexuais, coisificando-a, tornando-a um mero objeto voltado ao prazer. Utilizam-se do pretexto de dar visibilidade à mulher negra a fim de hipersexualizar seus corpos.

Tendo em conta essa questão, nota-se que através do discurso de inclusão, com o passar dos anos mulheres negras são incluídas como atrativos em programas de auditório e papéis estereotipados em novelas/filmes principalmente através do papel de “mulata”, que vai ao encontro ao senso comum da sociedade, que nunca deixou de associar a mulher negra à sexualidade.

Durante o carnaval, a visibilidade da mulher negra aumenta, já que seus corpos são vistos com mais frequência na mídia, ainda que de maneira espetacularizada e extremamente sexualizada. A Globeleza é o retrato do espaço designado à mulher negra, sua representação elucida as características inerentes à aceitação da mulher negra perante a sociedade.

Segundo Anatólio (2018):

“A Globeleza é um corpo transfigurado na estética e valores brancos hegemônicos, é a simbologia de um país “que tá no ar” e “tá globeleza”, ou seja, está tudo muito bom e legal.

---

<sup>9</sup> <https://sul21.com.br/opiniaio/2016/02/nos-mulheres-negras-queremos-o-fim-da-globeleza-por-djamila-ribeiro-e-stephanie-ribeiro/>

Já Vem pra Ser Infeliz...! é a resignificação do corpo negro feminino, um corpo reconfigurado que, embora carregue as cicatrizes da colonização, não é docilizado nem é mercadoria, é um corpo performático que nos leva a pensar sobre a destituição de sua dignidade e condição humana” (pág.124)

Isto posto, a criação da Globeleza seria a modernização do imaginário social da “mulata”, tornando-se um resumo ou síntese de todas as suas antepassadas. De acordo com Djamila Ribeiro (2016), a Mulata Globeleza não é somente um evento cultural, mas uma performance que faz parte do imaginário social e da mídia brasileira no período do carnaval.

O período carnavalesco traz consigo uma falsa visibilidade a mulher negra, já que os aspectos que recebem destaque são somente suas características físicas. Esse espaço torna-se uma oportunidade de integração ao mercado da mídia, todavia é inegável que há um longo caminho a ser percorrido para que de fato essa inclusão contemple as mulheres negras em sua totalidade. Enquanto isso não sucede, resta para essas mulheres trabalhos subalternos e mal remunerados na pirâmide social.

Quanto ao reconhecimento momentâneo que a mulher negra recebe no carnaval, Cunha e Paiva (2021) reiteram:

“O sentimento de desconforto e desvalorização se apresenta quando nos deparamos com a constatação de que só há espaço para a beleza da mulher negra no curto período que antecede o carnaval.” (pág.6)

Às mulheres negras são reservados discursos que impõem comportamentos passivos, sexualizados, subservientes, para que não se desviem dos locais atribuídos a elas no período colonial.

No ano de 2014, a TV Globo elegeu através do voto popular, no programa Fantástico, Nayara Justino, que permaneceu no cargo por apenas um ano, em razão dos ataques racistas que sofreu após assumir o cargo. Em entrevista concedida ao jornal O Dia (2016), Nayara fala sobre as ofensas racistas que recebeu: “Não estavam esperando que uma pessoa bem negra como eu ocupasse um cargo tão expressivo. Eu sofri muitos ataques pela internet. (...) Me chamavam de macaco, Zé Pequeno, e por aí vai”.

A rejeição sofrida por Nayara só comprova a existência de um padrão de beleza fenotipicamente eurocêntrico para que a mulher negra seja considerada bonita, é necessário que essa mulher possua corpo esguio, lábios finos, traços suaves e um tom de pele mais claro.

Dandolin e Ruiz (2018) dizem sobre isso:

“Em decorrência, torna-se evidente que a figura da Globeleza não busca enaltecer a negritude feminina, mas reforçar um mito cunhado e reforçado ao longo da

história brasileira. A rejeição de Nayara Ribeiro no ano de 2014 revela a existência do padrão negro “aceitável” como sendo o que mais se distancia das características do fenótipo negro.”

Posterior a esses eventos, Érika Moura foi eleita a Globeleza. No ano de 2017, houve um avanço na desconstrução do mito da “mulata”. Após 27 anos a Globeleza apareceu vestida, trazendo um enfoque maior à multiplicidade cultural do carnaval e distanciando-se do teor sexualizado de outrora. A Globeleza torna-se uma violência quando, através dela, se auxilia a negar as múltiplas identidades que são possíveis às mulheres negras.

Djamila Ribeiro (2016) esclarece:

“É necessário entender o porquê de se criticar a Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esses lugares negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos somente a determinados papéis e lugares, se está retirando nossa humanidade e nos transformando em objetos”<sup>10</sup>

Embora exista progresso, ainda há muito a se fazer para desconstruir os estereótipos associados à mulher negra, a Globeleza durante muito tempo foi um personagem de reforço às ideias presentes no imaginário social.

#### **2.4 A Globeleza vista por Valéria Valenssa**

“É naquele estúdio que elas farão o teste que poderá mudar suas vidas para sempre, o teste que vai decidir qual das duas será a estrela da nova vinheta do Carnaval de 1993 da maior rede de televisão do país. E uma delas é uma garotinha que sonhava em ser chacrete. Uma delas é Valeria Conceição dos Santos.” (Bergallo e Duarte, 2015, pág. 15)

Assim inicia-se a trajetória de Valeria Valenssa como Globeleza.

Valeria nasceu na Pavuna, subúrbio do Rio de Janeiro. Naquela época os pais estavam desempregados e tinham outro filho ainda pequeno. Diante das dificuldades financeiras, vislumbrando um futuro nada glorioso para a criança que esperava, a saída encontrada pela mãe de Valeria retrata a realidade de muitas mulheres negras: o aborto. No entanto, apesar das tentativas, Valeria nasce perfeitamente saudável em outubro de 1971.

Quando Valeria tinha apenas 6 anos de idade foi compelida a crescer precocemente. Viu-se diante da responsabilidade de cuidar das irmãs pequenas em virtude do adoecimento da mãe. E,

---

<sup>10</sup> <https://sul21.com.br/opiniao/2016/02/nos-mulheres-negras-queremos-o-fim-da-globeleza-por-djamila-ribeiro-e-stephanie-ribeiro/>

mesmo não passando de uma menininha, assume obrigações de adulto. Sobre isso, Valeria esclarece:

“Era eu quem cuidava da Claudinha (irmã mais nova). Fazia tudo. Às vezes aparecia alguém para me ajudar, mas durante quase todo o tempo ela ficava só por minha conta. (...) Meu pai tinha que trabalhar. Eu ajudava a arrumar a casa, a olhar a Claudia.” (Bergallo e Duarte, 2015, p.25)

Enquanto crescia, as únicas referências midiáticas que possuiu eram as “chacretes” do programa do Chacrinha e as “Mulatas do Sargentelli”. Aos domingos, acompanhava bem de perto as dançarinas do programa do Chacrinha, que “requebravam em volta do velho guerreiro com desenvoltura e sensualidade”. Desde criança, Valeria nutria o sonho de ser como elas. Como se pode observar em um trecho de sua biografia:

“Eu era fã das chacretes, me imaginava fazendo sucesso como elas, viajando, ganhando dinheiro... Também admirava as mulatas do Sargentelli, sonhava em um dia ser uma delas, ficar famosa. Sempre tive o dom pra dança. (...) As pessoas me pediam para fazer uma apresentação, e eu fazia. Todo mundo gostava, me aplaudia. E eu me sentia o máximo.” (Bergallo e Duarte, 2015, p.29).

Ainda na infância precisou que lidar com o alcoolismo do pai. Fator que intensificou ainda mais o clima de briga que pairava sobre sua residência. As discussões em sua casa tornaram-se mais frequentes e agressivas, pioradas pelas dificuldades cotidianas e multiplicadas pelo alcoolismo e pelas decepções.

Aos 12 anos, iniciou um curso de modelo. Viu nele a oportunidade de ascensão artística que tanto sonhava. Idealizava-se fazendo sucesso nas passarelas, nos palcos. Acreditava piamente que um dia realizaria seus sonhos. Valeria seguiu determinada a conseguir o que queria e lutou insistentemente por seus sonhos.

“Cresci acreditando em tudo o que sonhei. Eu, negra, do cabelo “ruinzinho”, as pessoas não acreditavam muito... Nem meus pais acreditavam. Esse curso foi o começo. (...) Mais tarde, com 16 anos, fiz outro curso, desta vez com a Monique Evans, muito famosa na época. Ela era uma inspiração para mim, já que era a modelo do momento, muito linda e talentosa, ainda por cima tinha um corpo incrível.” (Bergallo e Duarte, 2015, p.33).

Com 15 anos iniciou um namoro com um homem de 21 anos. O relacionamento turbulento – de acordo com a própria Valéria Valenssa - durou 5 anos e até hoje ela carrega o sobrenome do ex-namorado como sobrenome artístico. Desde criança sonhava em casar-se com um homem especial, um cavalheiro loiro de olhos azuis.

Aos 18 anos já possuiu um corpo considerado escultural, que posteriormente será exposto coberto apenas por purpurina para milhões de brasileiros na maior emissora de televisão do país.

Em 1989 participou do Concurso Garota Tropical, que acabou vencendo por unanimidade. A vitória foi de grande importância para a “construção” de seu nome. Participa então do Concurso Garota de Ipanema, que buscava uma nova musa à altura de Helô Pinheiro<sup>11</sup>. Valeria não ganhou, mas alcançou o quarto lugar, era a única negra entre as concorrentes, e geralmente era uma loira que ganhava o concurso.

Essa colocação a rendeu o convite para um teste na Globo. No entanto, é importante questionar por que não a consideravam digna a ser a nova Garota de Ipanema, mas foi vista, entretanto como potencial Globeleza, papel extremamente hipersexualizado. Esse fato reforça o imaginário social que delimita o lugar da mulher negra a posições sexualizadas, onde as organizações sociais impedem a ocupação de posições de poder.

Ao assumir a personagem Globeleza, Valeria apresentou resistência quanto a sair seminua. “O Hans queria que eu não usasse a armação, mas eu não queria sair de peito de fora” (Bergallo e Duarte, 2015, p.51) Mas diante de sua primeira exposição na televisão aberta, ela estava radiante. Fez o que mais gostava e seria paga por isso.

A partir da pequena repercussão de sua primeira vinheta, foi convidada para participar de reportagens de jornais, dar entrevistas e foi destaque numa escola de samba no Carnaval, o que rendeu bons frutos a modelo. Contudo, sofreu grande decepção posteriormente. Suas tentativas de obter mais reconhecimento foram frustradas. Não surgiram novos convites para trabalhos, tampouco havia intenção por parte de Hans Donner de contratar a mesma garota para a próxima vinheta. O entusiasmo deu lugar à frustração. Valeria foi descartada, sem mais nem menos, afinal, o Brasil é repleto de belezas “exóticas”. Ela afirma que não pagaria qualquer preço por espaço na televisão. “Eu não me vendia. Vi muito disso. Eu ficava de fora analisando aquilo tudo e pensava: eu estou ganhando.” (Bergallo e Duarte, 2015, p.57).

---

<sup>11</sup> Apresentadora, empresária e ex-modelo carioca que ganhou notoriedade por ter sido a inspiração para a canção Garota de Ipanema de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

Pouquíssimos trabalhos surgiram durante esse tempo, e Valeria se viu obrigada a procurar por estabilidade. Trabalhou como vendedora de assinaturas de jornal e posteriormente conseguiu um comercial da Coca-Cola. Em 1992, Hans Donner a procura em seu emprego na C&A, e após passar por testes a transformou definitivamente na Globeleza. De acordo com seu relato:

“E o Boni apontou pra minha imagem e simplesmente disse: ‘Quero aquela ali’ Aí passei! Dessa vez a vinheta do Carnaval entrou na virada do ano e ficou o mês inteiro no ar. As pessoas puderam apreciar mais o trabalho. Fiz várias matérias para os jornais, e foi assim que a Globeleza estourou” (Bergallo e Duarte, 2015, p.65)

Em entrevista concedida a *Universa*<sup>12</sup>, Valeria Valenssa diz que não se via como símbolo de sensualidade.

"Eu não me sentia sex symbol porque a Globeleza não era sobre o corpo ou o nu em si. Não passava pela minha cabeça que fosse algo sexualizado. Era um trabalho muito artístico, desde a designer que fazia todo o desenho, o maquiador, toda a equipe envolvida", lembra. "Era um trabalho bonito. Essa não era a intenção e, justamente por isso, passava em todos os horários. Às vezes você olha uma pessoa de roupa muito mais sensual do que uma pessoa nua", diz.

Embora lembre com carinho a admiração do trabalho que "transformou sua vida", como conta, Valéria acredita que a sua Globeleza, a primeira de todas, que estreou em 1990, não faria tanto sucesso atualmente por causa das mudanças na TV e na ideia de padrão de beleza.

"Hoje, a vinheta do Carnaval não faria tanto sucesso quanto fez na época. Estamos em outro tempo. A TV era mais liberal. E aquela era a época do topless da Monique Evans, da Luma de Oliveira, o biotipo da mulher hoje é totalmente diferente, antes era mais natural. A gente tem que respeitar a passagem do tempo"<sup>13</sup>

Depois de tantos anos no ar, todos os Carnavais, ela entende que sua Globeleza foi importante como referência para meninas negras.

"Tinha uma representatividade muito grande. A identidade de uma criança ou adolescente é formada quando você tem referências. Nós precisamos disso. Mas na época eu não tinha ideia disso, não tinha esse conhecimento, só entendi de uns anos para cá. Hoje em dia, representatividade e autoestima são muito discutidas. Ainda bem"<sup>14</sup>

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento bibliográfico para a concretização do trabalho foi bastante complexo, uma vez que existem pouquíssimos grupos de pesquisa relacionados ao tópico de raça e mídia com

---

<sup>12</sup> , <sup>13</sup>, <sup>14</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/02/20/valeria-valenssa-globeleza.amp.htm>

delimitação de gênero que divulguem suas conclusões. O maior obstáculo foi pesquisar sobre temas mais específicos como artigos que falem sobre a hipersexualização de mulheres negras, estereótipos ou conteúdos recentes como a ascendência dos confrontos do movimento negro ou até mesmo sobre a própria Globeleza.

No entanto, a escrita desse trabalho ocasionou o apontamento de questões raciais, e como se transcorre a argumentação sobre racismo e violência cometida contra a mulher negra nos veículos de mídia, e essencialmente, expor que a mídia tem um papel relevante na construção de realidades e identidades culturais, já que seu exercício se dá não só como método de entretenimento, mas formadora de crenças, meio significativo para discussão de temáticas vistas como tabus, tal como na manutenção de algumas desigualdades.

Debater sobre o papel social da mulher negra, constantemente tratada como objeto, é um ato que evidencia retrocessos da batalha por igualdade de gênero e raça, enquanto, nossa sociedade é autora e validadora das inúmeras formas de opressões que as mulheres negras são subjugadas, em razão do preconceito racial e de gênero, que ainda traz consigo estigmas não superados do período escravocrata.

O preconceito e a discriminação podem ser vistos como herança da escravidão, em para as mulheres negras o estereótipo da hipersexualização também foi conservado. Tal compreensão difundida ao decorrer do tempo tem grande influência da mídia, que veicula tal estereótipo.

Esse fenômeno vigente na sociedade pode influenciar as relações sociais, afetivas e matrimoniais dessas mulheres, dado que, a cultura e o meio são de relevância para a construção da subjetividade e de convicções a respeito de determinado coletivo, de maneira que preconceitos, estigmas e estereótipos possam ser internalizados, colaborando para a construção de teses pessoais, bem como o jeito de comportar-se diante da sociedade e nas relações em ambientes distintos.

A relação entre o domínio da mídia e a expressão cultural manifestou-se de modo mais complexo do que o esperado, afinal de contas impulsiona um intenso debate, visto que em várias circunstâncias é definida como meio alienador, mas trata-se de elemento apto para a promoção do discurso social.

A associação da mulher negra hipersexualizada é contemplada de maneira subentendida no carnaval, período em que acontece a supervalorização do corpo feminino e, principalmente das denominadas “mulatas”.

Em síntese, a relação sociedade, raça e meios de comunicação instaura uma sucessão de sentimentos, curiosidades, e um pensar crítico de alguns atores sociais ao constatar que estes meios de comunicação ainda são utilizados como método de propagar preconceitos de gênero e racial. Sob outra perspectiva, mesmo empenhando-se a dar uma nova orientação a essas questões em algumas peças midiáticas, o progresso dá-se a passos lentos.

Ainda que expostas a opressões que as atravessam cotidianamente, as mulheres negras resistiram, é incontestável a importância do Movimento Negro Feminista para essas mulheres.

Observa-se que, mesmo frente à abolição da escravatura, os/as negros/as até o momento lutam contra as concepções eurocêntricas daquele período, tornando viável constatar que a população negra ainda ocupa locais de subalternização, nos quais lhes são indeferidos o direito ao seu lugar de fala na sociedade.

Assim sendo, pesquisas e discussões sobre essa temática podem acarretar uma maior compreensão acerca deste fenômeno, auxiliando na desconstrução e combate, em favor da retratação das mulheres negras enquanto indivíduos de direitos e pessoas dignas de respeito em todas as esferas da vida e da sociedade.

Por fim, conclui-se que uma forma de confronto a essa questão, baseia-se na retratação social, referente à história do povo negro, garantindo que este tenha sua voz respeitada e ouvida, para além disso, que suas narrativas sejam construídas sob sua própria ótica, de acordo com suas particularidades.

Geralmente as mulheres negras são vistas e consideradas somente a partir de seus corpos. A ligação existente entre racismo e sexismo fortalece a concepção de que as mulheres negras possuem intelecto limitado. É importante ressaltar que há uma classificação de saberes, onde o conhecimento que se destaca é o do branco em relação ao conhecimento do negro, o que acaba por dar autoridade a quem pode ou não falar.

É essencial falar sobre mulheres negras a partir de si mesmas, considerando que o corpo, o conhecimento, as obras literárias e audiovisuais ainda são vistos de acordo com as perspectivas

machista e racista, através das quais as mulheres são definidas em relação ao homem. Tratando-se do racismo, o centro do debate é o homem negro, no entanto, relacionado aos debates sobre raça e gênero, a mulher branca ocupa o enfoque e o lugar da mulher negra é, por isso, crítico.

As circunstâncias nas quais os indivíduos estão colocados, especificamente, as mulheres negras, suscitam reflexões acerca das condições que promovem ou não o acesso das mulheres negras a espaços de poder e exercício de cidadania. “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.” (Ribeiro, 2017, p.36 apud Do Carmo e Rodrigues, 2021, p.87). É fato inegável que o corpo feminino negro é confinado a um estereótipo de invisibilidade e conseqüentemente, de exploração. Dito isso, é importante reconsiderar a escrivência (nota de rodapé) de mulheres negras como um corpo particular da narrativa brasileira, desprendendo-o de ideias hipersexualizadas e sendo interligados a composição de uma retratação intelectual legítima do que é o lugar ocupado por mulheres negras.

É importante salientar que narrativas negras partindo do princípio do que é ser negra são primordiais por elucidar as categorias racismo/sexismo, demonstrando que mulheres de cor são trespassadas por questões étnico-raciais, bem como de gênero. Cabe destacar a importância da autodefinição da mulher negra, como meio de confronto aos pontos de vistas coloniais segundo o lugar ocupado pela mesma. Essa autodefinição é uma ação potencializadora, que desfaz o silêncio que lhes é imposto.

Apesar dos séculos de silenciamento, que se desdobra até a atualidade, a mulher negra vem lutando para romper com a hierarquia de saberes, com as tentativas de silenciamento, ao conquistar progressivamente lugares que, historicamente, não foram pensados para elas, mas que obtêm novas orientações em todos os âmbitos da sociedade.

Retomando o debate promovido previamente acerca do silenciamento, se dispõe a exigência de denominação dos grupos de maior vulnerabilidade para que sejam pensadas e efetivadas políticas públicas que propiciem progressos nas resoluções dessas adversidades, principalmente, da posição ocupada pela mulher negra. Além do lugar de vulnerabilidade social, a mulher negra brasileira, vista como mulata ou morena, constantemente tem sua imagem usada como produto comercial do Brasil.

Esse é o lugar que a mulher negra vem ocupando historicamente no Brasil: os estereótipos físicos que carregam as desconectam das posições de intelectuais, como se estas não fossem aceitáveis para a criação de narrativas ou de conhecimento. O reconhecimento de que as mulheres negras são intelectuais em diversas áreas do conhecimento e que produzem artes em inúmeras categorias, contribuiria para o avanço do enfrentamento do pensamento social racista brasileiro.

Historicamente, a mulher negra é coagida pelo silêncio que a nega, fazendo-se indispensável compreender que essa mulher tem reivindicações próprias que destoam das reivindicações de mulheres brancas, por exemplo. Este silêncio precisa ser quebrado em prol da demanda histórica das mulheres negras falarem e serem ouvidas, dado que a posição designada a esse grupo é o da submissão e/ou erotização.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Pâmela. **A erotização feminina no carnaval do Rio de Janeiro como exercício de soft Power: um estudo de caso da personagem “Globeza” da Rede Globo.** Dissertação de mestrado. In: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/48926>

BOUCHARD, P; Bouchard, N. & Boily, I. (2005). **La sexualisation précoce des filles. Montréal, Sisyphé.**

BUENO, F. (2016). **A mulher Negra na Telenovela: Hipersexualização, Invisibilidade ou Subalternidade?** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Recuperado de: [http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda\\_revisado\\_tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda_revisado_tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

DA CUNHA, P.S.S.; DE PAIVA, J. S. **A Erotização da Mulata na cultura brasileira.** Universidade Federal Fluminense.

CARMO e RODRIGUES. “Minha carne não me define”: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. In: O público e o privado. Fortaleza: UECE, 2003. Semestral (quadrimestral a partir de 2020), ano 19, n.40, Set/Dez, 2021, págs. 73-100.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo no Brasil.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de racismo mascarado**, São Paulo: Perspectiva, 2017.

RIBEIRO, D.; RIBEIRO, S. **Nós, mulheres negras, queremos o fim da Globeleza**. Sul 21, 8 de fev. 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniaio/2016/02/nos-mulheres-negras-queremos-o-fim-da-globeleza-por-djamila-ribeiro-e-stephanie-ribeiro/>

SILVA, Maria Aparecida. **O Cotidiano das Mulheres Negras a partir de Suas Narrativas: as experiências e formação de Araraquarenses**. In: Revista Fórum Identidades, p. 69-79, 2009.

Bergallo, Laura, 1958 – **Valeria Valenssa: uma vida de sonhos**/ Laura Bergallo, Josiane Duarte. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2015.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

DOS SANTOS, J. C. Faustino. **A CONSTRUÇÃO E CONSAGRAÇÃO DO PERSONAGEM DA MULATA NA MÍDIA**. Universidade Federal de Alagoas Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes Comunicação Social, 2017.

TELES, Laura Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique. **Hipersexualização das Mulheres Negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia**. Faculdade São Francisco de Barreiras.

DO CARMO, Nádía Amaro; RODRIGUES, Ozaias da Silva. **Minha carne não me define: a hipersexualização da mulher negra no Brasil**. Revista: O público e o privado - número 40, 2021